



**EMANCIPAR-SE NUMA SOCIEDADE POLIGÂMICA: UMA ANÁLISE
DE *UNE SI LONGUE LETTRE*, DE MARIAMA BÂ**

*TO EMANCIPATE IN A POLYGAMIC SOCIETY: AN ANALYSIS OF *UNE SI
LONGUE LETTRE*, BY MARIAMA BÂ*

*EMANCIPARSE EN UNA SOCIEDAD POLIGÁMICA: UN ANÁLISIS DE
UNE SI LONGUE LETTRE, DE MARIAMA BÂ*

Providence Bampoky¹

RESUMO

Une si longue lettre (2006), da romancista senegalesa Mariama Bâ, nos remete a reflexão sobre temas polêmicos relacionados às questões religiosas e socioculturais, como a poligamia, o sistema de castas, as tradições culturais, bem como a representação da mulher na sociedade muçulmana do Senegal na década de 1970. No tratamento dessa temática, pretende-se com o presente ensaio discutir como a autora constrói narrativas de ruptura com o discurso patriarcal circulante nessa sociedade, ou seja, mostrar, a partir de um viés transgressor dos costumes e tradições, como o sujeito feminino articula o seu próprio discurso, rejeitando qualquer tipo de mediação paternalista

PALAVRAS-CHAVE: *Romance epistolar, Caminho da emancipação, Autoria feminina, Mariama Bâ.*

ABSTRACT

Une si longue lettre (2006), by the Senegalese novelist Mariama Bâ, leads us to reflect on controversial themes related to religious and sociocultural issues, such as polygamy, the caste system, cultural traditions, as well as the representation of women in the Muslim society of Senegal in 1970s. In dealing with this theme, the present essay intends to discuss how the author builds narratives of rupture with the patriarchal discourse circulating in this society, that is, to show, from a transgressive bias of customs and traditions, how the female subject articulates her own discourse, rejecting any kind of paternalistic mediation.

KEYWORDS: *Epistolary novel, Road to emancipation, Female author, Mariama Bâ.*

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem/IEL – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP – Brasil-São Paulo. Pesquisa financiada pelo CNPq. E-mail: providence.bampoky@gmail.com



RESUMEN

Une si longue lettre (2006), de la romancière sénégalaise Mariama Bâ, nous invite à réfléchir sur des thèmes controversés liés à des questions religieuses et socioculturelles telles que la polygamie, le système des castes, les traditions culturelles, ainsi que, la représentation de la femme dans la société musulmane du Sénégal dans les années 1970. Pour le traitement de cette thématique, on veut dans ce présent essai discuter, comment l'auteur construit des récits de rupture avec le discours patriarcal en circulation dans cette société, ou plus simplement, à partir d'un biais transgressif des coutumes et traditions, comment le sujet féminin articule son propre discours, rejetant tout type de médiation paternaliste.

PALABRAS-CLAVE: *Novela epistolar, Camino a la emancipación, Autoría femenina, Mariama Bâ.*

Em qualquer parte do mundo se ouve um grito de mulher. Esse grito pode ser diferente, de sítio para sítio, mas ele tem sempre em si mesmo uma certa unidade. O grito de outras mulheres, de outros países, pode não ser exatamente como o nosso – uma vez que não temos todos os mesmos problemas – mas há uma unidade fundamental em todos os nossos sofrimentos, no nosso desejo de liberdade e de cortar as correntes que nos aprisionam desde a antiguidade (NFAH-ABBENYI, 1997 apud BAMISILE, 2012, p. 320).

A mulher tem sido ao longo da história cercilhada no que diz respeito a manifestação dos seus pensamentos e a reivindicação dos seus direitos. A literatura, por muito tempo, representou a mulher através de preconceitos que refletiam, de fato, o pensamento de uma sociedade sexista que prega a submissão total da mulher ao homem, delimitando assim o seu papel no espaço sociopolítico. Entretanto, nas décadas de 1970 e 1980, com o crescimento dos movimentos e organizações feministas dentro e fora do continente africano, o discurso de subjetivação que nega à mulher a liberdade de se autoconstruir vem sendo substituído por um discurso de igualdade entre os sexos. De acordo com o estudioso francês Bernard Mouralis (2007), a situação colonial das primeiras décadas do século XX promoveu a eclosão de uma literatura negro-africana com o intuito de denunciar a exploração e a opressão infligidas pelo colonizador, mas também impulsionou a entrada das vozes femininas nas instâncias sociopolíticas. Assim, além da denúncia colonial, surgia na cena literária africana uma forte produção de autoria feminina que veio se interessar pelos estereótipos de gênero, expondo e denunciando a representação redutora da mulher nas sociedades africanas.

É de modo esforçado e persistente que essas romancistas tomam consciência da necessidade de romper com as barreiras estabelecidas pelo poderio masculino. Para tais fins, a literatura torna-se uma ferramenta de afirmação de sua dignidade. Assim, ao atribuir às personagens femininas papéis de protagonistas, as mulheres passam a ser agentes da ação e assumem funções inequívocas de condutoras das narrativas. Desde então, submetidas a um processo de individualização, as protagonistas femininas são resgatadas da sujeição a uma mentalidade depreciativa que as homogeneíza, tornando-as inferiores e indistintas. As críticas feministas

tentam remediar essas deficiências, dando às literaturas de autoria feminina a devida atenção que elas merecem. Como afirma a historiadora francesa Catherine Coquery-Vidrovitch (2013), para essa geração de romancistas, a literatura não constitui apenas um instrumento de recuperação da palavra confiscada, mas um meio de contestar o poder masculino. Trata-se de revalorizar e reabilitar não só o gênero romance, mas também a personagem feminina retratada nele.

Cabe dizer que as escritoras do período pós-independência, ao tomarem parte ativa no processo da descolonização cultural e na luta pela emancipação da mulher, manifestam várias oposições relativamente às tradições glorificantes e denegridoras. Portanto, ao rejeitar as concepções sexistas, elas demonstram que as mulheres têm uma experiência de vida própria e com relevância para lhes conceder funções principais e não apenas papéis secundários e supostamente não alteráveis. É nessa linha de pensamento que se insere o romance epistolar *Une si longue lettre* (2006), da escritora senegalesa Mariama Bâ, que traz temáticas polêmicas relacionadas às questões religiosas e sociais, como o divórcio, a poligamia, o sistema de castas, as tradições culturais, assim como o papel da mulher da sociedade muçulmana do Senegal dos anos 70.

Mariama Bâ: a voz da militância feminina

Compreendi que o [a] escritor[a] pode ajudar a sociedade, ensinando, alertando, advertindo, denunciando, aconselhando (UANHENG XITU, 1999, p. 39).

Mariama Bâ nasceu no dia 17 de abril de 1929, no Senegal, na cidade de Dakar de uma família de elite. O seu avô paterno trabalhou no governo colonial, onde exercia a função de tradutor/intérprete. A romancista perdeu a sua mãe ainda criança e foi criada pelos avós maternos. Oriunda de uma família tradicional muçulmana abastada que lhe ensinou os valores da religião e as condutas de uma futura boa mãe, frequentou a escola corânica e mais tarde a escola francesa por insistência do pai que era funcionário público e posteriormente em 1956, promovido a cargo de Ministro da Saúde. Em 1943, depois ter concluído o ensino superior, Mariama Bâ ingressou na *École Normale des jeunes filles* de Rufisque – uma instituição para a formação de futuros professores. É oportuno ressaltar que a escritora foi uma das raras mulheres que tiveram a sorte de frequentar esse espaço na sociedade daquela época, em que a maioria da população não tinha direito à alfabetização. Além disso, no Senegal, a escolarização das meninas era algo fora de cogitação, como realça a própria autora:

Tive a sorte de frequentar a escola francesa [...], graças à perseverança do meu pai que, sempre que tinha férias vinha pedir aos meus avós que continuassem a conceder esse favor a ele. Mawdo Sylla foi meu professor. O fato de eu ir à escola não me livrou das tarefas domésticas que as meninas tinham que fazer. Eu tive a minha vez de cozinhar e de lavar a louça. Aprendi a lavar minhas próprias roupas e a manejar o pilão porque temia-se, ‘você nunca sabe o que o futuro pode trazer!’ O meu avô cuidou da família. Era uma vida comunitária com primos, tias, tios e os seus maridos e esposas (BÂ, 1981, p. 7).

No trecho, a romancista alude ao fato de ter tido a sorte e o privilégio de frequentar a escola francesa, uma instituição de ensino com preceitos diferentes que trazia à Mariama Bâ uma outra visão do ser mulher nesse contexto específico. De acordo com a pesquisadora Pierrette Herzberger-Fofana (2000, p. 28), apesar do esforço da administração colonial francesa em alfabetizar a população, havia uma grande resistência cultural das populações locais à escolarização das meninas, especificamente, em meios rurais. A isso, junta-se o fato que muitas dessas alunas tinham que abandonar os estudos para se casar precocemente. Os pais eram relutantes a ideia de levar as filhas à escola, nesse sentido em que a mulher instruída era “uma fonte de infortúnio” – lembrando que naquele tempo o Senegal era ainda um país muito conservador e paternalista e, de fato, a escolarização das meninas não era permitida, pois, era entendida como algo que levaria à ruína as relações existentes entre homens e mulheres, como aparece no tecido ficcional do romance: “A escola transforma as nossas filhas em demônios, que tiram os homens do bom caminho” (BÂ, 2006, p. 37). Em 1947, após 12 anos de dedicação, Mariama Bâ teve que se afastar da carreira de docência por causa do seu estado de saúde e, desde então, passou a se envolver na política (NDIAYE, 2007). Mãe divorciada, com quatro filhos, ela foi politicamente ativa em diversos movimentos e associações feministas em Dakar: foi membro da Federação das Associações Femininas do Senegal (FAFS), presidente do Círculo Feminino e secretária do Club Soroptimiste de Dakar, além das lutas em prol dos direitos e da escolarização das mulheres senegalesas.

No exercício de suas funções, fez uma declaração diante do então Primeiro-ministro, Abdou Diouf, em que condenou veementemente as condições precárias das mulheres e das crianças senegalesas – chamando a atenção para o fim da exclusão social, isto é, para a necessidade inalienável das mulheres terem acesso e partilharem com os homens todos os espaços de decisão e de vivências sociopolíticas, com salários iguais. Em 1979, Bâ publica o seu primeiro romance, *Une si longue lettre* que recebeu o famoso prêmio Noma (melhor prêmio de obra africana) em 1980, no ensejo da Feira do Livro em Frankfurt na Alemanha: “na condição da mulher em África, apresentada no ponto de vista de uma mulher muçulmana numa sociedade em transição” (HERZBERGER-FOFANA, 2000, p. 53). Como evidenciado, a literatura africana, durante muito tempo foi dominada pelo poder masculino, por isso, não é de estranhar que a literatura escrita por mulheres seja considerada mais limitada, menos séria e alvo de duras críticas.

O reconhecimento da escrita de Mariama Bâ e do prêmio que lhe foi concedido criou muitas polêmicas no seio dos autores do cânone da literatura, que não tardaram a proferir comentários pejorativos a respeito da sua produção literária e da sua capacidade intelectual – foi-lhe apontada a falta de autenticidade e o uso de um estilo literário eurocêntrico, não condizente com a verdadeira representação da condição da mulher nas sociedades africanas. Com efeito, o machismo latente na narrativa dominante não foi uma prática isolada no exemplo de Mariama

Bâ, uma vez que, o poder das narrativas de autoria masculina se manteve associado ao poder político, religioso e econômico. Desse modo, a postura patriarcal não permitia a emergência de narrativas femininas, que ficaram sufocadas na macro-narrativa da descolonização e da independência. As afirmações desse discurso machista e controlador demonstram, por um lado, o quanto as narrativas de autoria feminina têm abalado as estruturas sociais africanas; mas, por outro lado, revelam que, enquanto a igualdade de direitos entre os sexos não for institucional, as literaturas escritas por mulheres terão sempre que lutar contra o convencionalismo tradicional e machista.

Para além dessa discrepância ideológica, *Une si longue lettre* ganhou um reconhecimento notório no contexto dos estudos literários estrangeiros. O romance foi adotado em programas escolares e universitários de vários países africanos e europeus, traduzido em diversas línguas, além de virar um projeto cinematográfico. Com efeito, a carreira literária de Mariama Bâ será bruscamente interrompida por uma doença que a leva a óbito em 1981. A escritora não chegou a ver publicado o seu segundo romance *Un chant écarlate* (1981), em que ela retraza as mesmas preocupações sociais: as condições precárias das mulheres em uma sociedade patriarcal, a luta pela igualdade de direitos entre os sexos, as dificuldades do casamento polígamo e bicultural dentro do sistema de castas. Em suma, por meio do seu universo ficcional, Mariama Bâ convida as mulheres a se unirem e se engajarem nas lutas em prol de um país melhor:

A mulher não deve mais ser o acessório que adorna. Objeto que você move, a companheira que você lisonjeia ou acalma com promessas. A mulher é a primeira e fundamental raiz da nação na qual é enxertada toda contribuição, da qual também começa toda a floração. Devemos incentivar as mulheres a se interessarem mais pelo destino do país (BÂ, 2006, p.120).²

Na esteira dessa proposta, Herzberger-Fofana (2000 *apud* BAMISILE, 2012, p. 323) afirma que a autora defende o apoio e a solidariedade das mulheres africanas para resolverem as dificuldades por elas vividas, enquanto grupo que tem sido vitimado por situações de desigualdade de tratamento, de exploração, grupo esse de mulheres colonizadas e oprimidas dentro de uma sociedade patriarcal, cujos homens também foram colonizados. No entanto, deve se reconhecer que a história de *Une si longue lettre* passa-se na cidade de Dakar uns vinte anos após a independência do Senegal. E a partir desse pano de fundo, a romancista avalia o resultado dos movimentos nacionalistas e feministas da década de 70 início de 80 a partir de uma perspectiva contemporânea.

Buscar pelos caminhos da emancipação numa sociedade poligâmica

² Nesta análise, todos os excertos retirados do romance em estudo (*Une si longue lettre*) são uma tradução minha sem inclusão de notas de rodapé. Utilizo a edição francesa (Les Nouvelles Éditions Africaines du Senegal, 2006).

Partir para recomeçar do zero, depois de ter vivido vinte e cinco anos com um homem, depois de ter dado à luz doze filhos? Será que eu tinha força suficiente para suportar sozinha o peso dessa responsabilidade, tanto moral quanto material? (BA, 2006, p. 79).

Na sua narrativa, a romancista senegalesa traz críticas contundentes aos valores patriarcais, indo contra o domínio tradicional sobre a mulher especificamente a mulher muçulmana. Além da abordagem à mulher casada emoldurada pelas leis e normas patriarcais, o romance constrói também um discurso de ruptura com o discurso tradicional que circula na sociedade senegalesa e, concomitantemente, demonstra como o sujeito feminino articula a sua própria fala, rejeitando qualquer tipo de mediação paternalista. Trata-se, então, de analisar, nessa sessão, como a mesmice ideologicamente inculcada à mulher faz com que ela não questione a ordem social imposta, mas se sinta em conformidade com os preceitos ideológicos que a subjagam. Refletiremos, também, sobre como essa ideia da hegemonia do masculino desfaz-se perante a escrita de autoria feminina, isso significa analisar como a autora senegalesa vem problematizar e contestar os preceitos nos quais as mulheres são enclausuradas desde sempre.

É importante ter em vista que o único lugar concedido à mulher no universo ficcional, especificamente nas literaturas oriundas das sociedades muçulmanas, era o espaço da casa: cuidar dos filhos e manter-se submissa e devota ao marido, pois, segundo as interpretações do Alcorão e da cultura muçulmana, “a mulher só obtém bênção e lugar no paraíso sendo submissa aos mandamentos do marido” (SEMBÈNE, 1966, p. 48). Essas concepções sexistas encontram-se plenamente refletidas na instituição do casamento, em que a violência diariamente praticada coloca a mulher num estado de objetificação e de exclusão social. Ahmadou Kourouma, em seu romance *Monnè, outrages et défis* (1990, p. 29), aborda essa questão no sentido em que a mulher casada é duplamente presa às leis e à moral da tradição, sem voz e sem direito de se expressar, como demonstra o seguinte excerto: “Nesse mundo os motes das mulheres são três e têm o mesmo significado: resignação, silêncio, submissão”.³ Um processo avassalador de dominação, em três dimensões (resignação, silêncio, submissão), que sustenta a condição de inferioridade da mulher, atribuindo ao homem o poder de mantê-la sob controle. De forma explícita, isso pode ser verificado nos personagens masculinos, que, imbuídos de um pensamento arraigado culturalmente, manifestam-no na vida social e no casamento, no que concerne aos papéis de gênero na sociedade, entre outros aspetos do seu cotidiano.

Diante desse cenário, cabe sublinhar que nas sociedades africanas em geral o patriarcado é que detém a palavra em todas as modalidades do casamento. Uma estrutura de dominação e de subserviência da mulher que corrobora aquilo que descreve Simone de Beauvoir (1980, p. 179) em *O segundo sexo*: “a história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes

3 Texto original: “Dans ce monde les lots des femmes sont trois qui ont la même signification: résignation, silence, soumission” (KOUROUMA, 1990, p. 29).

concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu como Outro”. Parafraseando Michel Foucault (1998, p.132), em qualquer sociedade, o corpo da mulher está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Partindo destas constatações, podemos deduzir o quanto a mulher senegalesa, inserida neste contexto, é submetida a uma sociedade patriarcal, caracterizada pelas relações de mando e autoridade.

De acordo com a historiadora senegalesa Penda Mbow (2001), a essa alienação soma-se o fenômeno crescente da poligamia que, de certa forma, é uma das práticas que produz invisibilidades e silenciamento das mulheres senegalesas. Importa ressaltar que o Senegal é um país cuja maioria da população é muçulmana e onde os poderes islâmicos, que exercem forte domínio nas estruturas políticas, sociais e econômicas, vêem com bons olhos a prática da poligamia. Ainda segundo a autora, em termos de cultura, a poligamia é autorizada pelas leis islâmicas que enfatizam a prática no versículo 3 do capítulo 4 do Alcorão: “Casa com mulheres que lhe agradam. Tenha dois, três ou quatro, mas se você tem medo de ser injusto, casa apenas com uma”. Isso significa que o homem muçulmano pode casar-se, simultaneamente, com quatro mulheres legítimas desde que tenha condições para sustentá-las e oferecer a elas direitos e privilégios iguais.

A religião islâmica explica que é mais honesto e digno para um bom muçulmano casar-se com até quatro mulheres do que ter amantes, pois, os preceitos da religião não permitem o sexo extraconjugal nem as relações sexuais fora do casamento. Com efeito, mesmo que a poligamia não seja uma obrigação que interfira na moral da religião ou na fé do praticante, ela se constitui a partir de uma autorização condicional. A isso, Mariama Bâ afirma, durante uma entrevista com Alioune Touré sobre o problema da poligamia e o sistema de castas, que uma “mulher nunca aceita a poligamia por alegria do coração. [...] As mulheres que aceitam a poligamia não têm outra saída” (DIA, 1979, p. 4).⁴ Isso significa que a submissão total da mulher não é apenas uma exigência da condição feminina, mas também uma prática incentivada pelo Alcorão. Visto por esse prisma, fica evidente que as alegações repetidas e ideologicamente inculcadas à mulher fazem com que ela se torne refém da ordem social, como observado na narrativa.

Une si longue lettre é um romance epistolar, cujo título já evidencia a forma como se estrutura a narrativa – uma longa carta em que Ramatoulaye, a personagem principal revela à Aïssatou, sua amiga de infância, as situações de infidelidade, de imposições sociais vivenciadas dentro do lar, até o abandono, após vinte e cinco anos de casamento e a morte súbita do marido. A narrativa inicia-se com a rememoração da amizade entre Ramatoulaye e Aïssatou, invocando os diversos momentos e experiências vividas juntas desde a tenra infância:

4 Texto original: “Une femme n’accepte jamais la polygamie par gaîté de cœur. [...] Les femmes qui acceptent la polygamie sont contraintes” (DIA, 1979, p. 4).

Enterramos nos mesmos buracos, os nossos dentes de leite, implorando à Fada do Dente para que eles nos fossem restituídos, ainda mais belos.

Se os sonhos morrem ao longo dos anos e da realidade, eu guardo intatas minhas memórias, sal da minha memória.

Eu te invoco. O passado renasce com seu cortejo de emoções. Fecho os olhos. Fluxo e refluxo de sensações: calor e encantamento, as fogueiras; delícia na nossa boca gulosa, a manga verde apimentada, mordida por uma de cada vez. Fecho os olhos. Fluxo e refluxo de imagens; o rosto ocre da sua mãe coberta de gotinhas de suor, na saída das cozinhas, procissões ruidosas das meninas encharcadas, retornando das fontes. O mesmo percurso nos conduziu da adolescência à maturidade em que o passado fecunda o presente (BÂ, 2006, p. 5).

Ramatoulaye e Aïssatou se casam com “os grandes amores das suas vidas”, contrariando as normas sociais, pois, naquela altura os casamentos, na sua maioria, são feitos por conveniência social e dentro do sistema de castas. Tante Nabou, a sogra de Aïssatou, nunca aceitou a ideia de que o seu filho (Mawdo Bâ), oriundo de uma casta nobre, fosse casado com a filha de um mero ferreiro – de casta inferior. Seu orgulho de pertencer à classe nobre e seu desejo de se distanciar daqueles que não são da sua posição social levam-na a tramar um plano para separar Aïssatou do seu filho e incentivar este último a casar-se com a sobrinha (a Pequena Nabou), da mesma linhagem de nascença e bem mais jovem. Aïssatou é vítima de preconceito étnico e social, da oposição de castas: “Essa mãe rígida, impregnada de moralidade antiga, queimada por dentro por leis ferozes. [...] pensava de dia, pensava de noite, como se vingar [da filha] de um ferreiro” (BÂ, 2006, p. 43). Mulher conservadora, Tante Nabou viveu acreditando que a nobreza da sua família deveria ser preservada, para tal, jurou no túmulo dos seus ancestrais que a existência da nora nunca mancharia a sua nobre descendência (BÂ, 2006, p. 42).

Por sua vez, Ramatoulaye casa com Modou, um jovem de classe média e contra a vontade de seus pais. Apesar da discordância familiar, “o nosso casamento foi feito sem dote, sem pompa, sob os olhares de desaprovação do seu pai, diante da dolorosa indignação da mãe frustrada, sob o sarcasmo das irmãs surpresas, em nossa cidade muda de espanto” (BÂ, 2006, p. 35). Não obstante, após vinte e cinco anos de união e dedicação conjugal, Ramtoulaye é traída pelo marido Modou que casa com a melhor amiga da sua filha adolescente, abandonando a mulher com os seus filhos. Confrontadas com estas situações de infidelidade e traição, as duas amigas reagem de forma diferente: Aïssatou divorcia-se do marido e leva os seus quatro filhos consigo para os Estados Unidos; enquanto Ramatoulaye tenta manter o seu casamento falido até a morte súbita do esposo. Por um momento, a protagonista pensa em se separar, mas acaba cedendo à pressão social como podemos observar nos argumentos dela:

Fiquei ofendida. Ele me pedia compreensão. Mas compreender o quê? A supremacia do instinto? O direito à traição? A justificação para o desejo de mudança? Eu não podia ser a aliada dos instintos poligâmicos. Então compreender o quê? (BÂ, 2006, p. 68-69).

E, por causa das exigências do casamento e da religião, Ramatoulaye se sente presa ao esposo e não consegue imaginar uma vida sem ele:

Eu tento identificar as minhas falhas no fracasso do meu casamento. Eu dei sem contar, eu dei mais do que recebi. Sou daquelas que só conseguem se sentir realizada e feliz num relacionamento. Nunca concebi a felicidade fora do casamento, respeitando a escolha das mulheres livres (BÂ, 2006, p. 108).

De fato, vale mencionar que estas duas figuras femininas são formadas e casadas com homens que posteriormente se tornarão parte dos quadros de funcionários da sociedade senegalesa – médico (Mawdo Bâ) e advogado (Modou). Ambas conheceram os maridos na juventude, suas uniões assentaram-se no amor, na fidelidade, mas também em afinidades intelectuais e na construção de um projeto comum de futuro. Entretanto, para além de uma crítica calcada na prática da poligamia, a romancista coloca em paralelismo o retrato da sociedade senegalesa pós-independente e a visão ambivalente acerca do “progresso” ocidentalizante. Mariama Bâ denuncia a elite masculina que se diz “evoluída”, mas que nunca abandonou as práticas retrógradadas calcadas nas tradições religiosas. É nesse sentido que Herzberger-Fofana (2000, p. 53) afirma que *Une si longue lettre* “não é apenas a história do *status* das mulheres em África, mas ele é também a imagem crítica de uma sociedade na encruzilhada da tradição e do modernismo”.

Certamente o ponto central do romance é a representação das relações entre os gêneros, mas igualmente de mulheres entre si. Na narrativa, as mulheres são bastante diversas e com perfis diferentes. Algumas são representadas de forma positiva, com opiniões progressistas – o que dá uma luz de esperança para uma mudança social, enquanto outras permanecem enraizadas no convencionalismo e nas práticas tradicionais. Porém, todas essas mulheres combatem com as armas que possuem em função de uma imposição social, construindo para si uma identidade forçada, da qual algumas não conseguem desvencilhar-se. Tanto no caso de Ramatoulaye quanto de Aïssatou, são as sogras delas que incentivam ou quase obrigam os filhos à união poligâmica por motivos de ascensão social, de preservação de uma linhagem ou de uma tradição. Nota-se que a autora chama a atenção sobre o comportamento hostil das sogras para com as suas noras e que se dispõem a minar a harmonia dos casais, em prol de um suposto proveito próprio. Exercendo uma forte influência sobre os filhos, certas mães não hesitam em submeter as próprias filhas a uma infelicidade conjugal, como observamos no personagem de Binetou, que se casa com o pai da sua melhor amiga (Daba), colega de escola.

De acordo com Sunday Bamisile (2012), muitas mães veem as filhas como moeda de troca para um bom dote. Segundo o autor, as jovens casadas são vítimas do sistema, uma vez que ora são educadas para servir aos homens ora forçadas a abandonar os estudos para vender sua juventude, a fim de satisfazer o orgulho dos pais e os desejos e apetites sexuais de homens de meia-idade. No romance, devido à pressão familiar, Binetou interrompe os seus estudos

para se casar com um homem mais velho e pai de doze filhos, mas, por sinal, rico. Em prol da necessidade de sair da miséria, a jovem Binetou acaba cedendo aos desejos da mãe e aos encantos que a riqueza material proporciona, apesar de preferir, no começo, continuar os seus estudos, como evidenciado na seguinte conversa de Daba com a sua mãe, Ramatoulaye:

- Eu direi a Binetou para não ceder; mas a sua mãe é uma mulher que deseja tanto sair da sua condição precária e lamenta tanto sua beleza desbotada na fumaça dos fogos da lenha, que ela olha com desejo tudo que eu visto; ela reclama o dia inteiro.

- O essencial é Binetou. Que ela não ceda.

E então, alguns dias depois, Daba retomou o diálogo com a sua surpreendente conclusão.

- Mãe! Binetou, pena, casa-se com o seu “velho”. Sua mãe choro tanto. Implorou à filha que lhe “desse um final feliz, numa verdadeira casa” que o homem lhe prometeu. Então ela cedeu (BÂ, 2006, p. 72).

Nessa conversa impera não apenas a abordagem persuasiva de Dame Belle-mère, a mãe de Binetou e a força emocional de seus pedidos, mas também o seu egoísmo e a sua ambição, já que se mostra pronta a sacrificar a felicidade de sua filha pelos bens materiais. Nesse sentido, podemos alegar que a questão da poligamia e do casamento sem amor não atinge somente a primeira esposa, ela afeta também todos os envolvidos nesse matrimônio. Por certo, vale sublinhar que existe nas sociedades muçulmanas uma importância primordial atribuída à riqueza do pretendente e não à da mulher, pois, de acordo com a tradição, ela não herda nenhum bem material dos pais. A obsessão da mulher em casar a filha destaca, de forma clara, o seu interesse na riqueza do seu genro como solução para os seus problemas e meio de ascensão social:

Primeira esposa, outrora negligenciada, Dame Bellemère emergia da sombra e retomava nas mãos o seu esposo infiel. Ela tinha ganhos apreciáveis: grelhados, frango assado e por que não, notas de banco enfiadas no bolso do *bubu* [vestido] pendurado no cabide do quarto. Ela não calculava mais, como antes, para economizar o preço dos galões de água comprados no Toucouleur, vendedor ambulante de líquido vital sugado nas fontes públicas. Ela usufruía da sua nova felicidade, tendo vivido na miséria. Modou correspondia à sua expectativa. Ele lhe enviava, prevendo, maços de dinheiro para gastar e lhe oferecia, durante as suas viagens ao exterior, joias e caros *bubus*. Desde então, ela acedeu à categoria das mulheres ‘da pulseira pesada’, cantadas pelos griots. Extasiada, ela escutava o rádio transmitir hinos dedicados a ela (BÂ, 2006, p. 96, grifo meu).

Em certo sentido, deve-se reconhecer que a preocupação de Mariama Bâ é mostrar o quanto certas práticas e ideologias encobertas por tradição e manipuladas pelo poder patriarcal estão fortemente ancoradas no imaginário coletivo da sociedade senegalesa. Tais percepções aprisionam

as mulheres no papel passivo de vítimas da sua própria cultura patriarcal. Ao aceitarem a poligamia, as mulheres acabam por aliar-se aos desígnios desta instituição abusiva e desumanizante, fazendo com que elas se tornem as suas próprias inimigas e agentes de destruição da estabilidade do matrimônio. De acordo com Herzberger-Fofana (2000), as mulheres de meia idade, por sua atitude e obstinação, fortalecem o sistema patriarcal. Tendo vivido a vida toda sob o jugo conjugal ou paterno, mulheres como Tante Nabou e Dame Belle-mère são fiéis defensoras e perpetradoras de certos comportamentos que levam à discriminação da mulher, elas se recusam a se adaptar ao mundo da jovem geração que não aceita mais as posições subalternas, relativamente às tradições glorificantes e denegridoras. Essas duas figuras femininas não conseguem enxergar que estão contribuindo para a propaganda da visão masculina do homem provedor. As suas posturas são ditadas pelos níveis de educação e de consciencialização política, assim como pelo grau de comprometimento com a causa da busca de alternativas aos prevalentes níveis de opressão, geralmente inscritos na religião e nas tradições. A resistência ou a hostilidade de tais mães, as convicções tradicionais de sua sociedade, a divisão e a exclusão geradas por uma estrutura social hierárquica tradicional e a força do direito consuetudinário são fatores que causaram, por muito tempo, a dissensão conjugal – conflitos e sentimento de rejeição ou de desamparo dentro dos lares.

No entanto, é de notar que Mariama Bâ assume uma posição crítica contra a prática da poligamia e apresenta como alternativa a escolarização (principal meio de acesso ao mercado de trabalho e a certo grau de emancipação), única saída para a subserviência e o servilismo. Ela é de opinião que só a educação poderá

[...] nos libertar das tradições, superstições e costumes; nos levar a apreciar várias civilizações sem negar a nossa; elevar nossa visão do mundo, cultivar nossa personalidade, fortalecer nossas qualidades, eliminar nossos defeitos; fazer com que os valores da moral universal frutifiquem em nós (BÂ, 2006, p. 34).

A romancista insiste em dar voz ativa às mulheres senegalesas e também lhes aponta a escola como caminho que as conduza à emancipação, libertando-as do jugo da opressão e da brutalização, a que, por força da tradição, estavam há longo tempo submetidas. Nesse contexto, a escola, longe de ser sentida como um meio de alienação, de aculturação ou de perdição, torna-se um espaço onde se trilham caminhos para a autonomia, percurso decisivo para as mulheres poderem se sentir diferentes e descobrirem suas capacidades intelectuais, a fim de adquirir sua consciência como mulheres.

No romance, o peso da tradição sobre a mulher é ainda demasiado manifesto no período do luto – nos primeiros quarenta dias de reclusão requerido pela religião islâmica. Após a morte do marido, Ramatoulaye é vítima das práticas consuetudinárias extremamente dolorosas. Para além do aspecto físico que a viúva tradicionalmente tem de apresentar, sobretudo, a nível dos cabelos desgrenhados, ela é obrigada a ficar confinada num espaço em oração e meditação; a

dividir o espaço de casa com a segunda esposa do falecido marido e com os familiares deles; a suportar os gritos e choros de parentes e amigos enquanto ela se sente emocionalmente exausta e precisa de paz. Uma situação de extrema tensão que culmina durante o processo chamado *miraas* ou inventário dos bens, em que a viúva é impelida a doar e partilhar com a família do marido todos os bens adquiridos durante os anos de casamento, a abdicar da sua individualidade e da sua dignidade para merecer o favor dos parentes do falecido marido.

É o momento mais temido por qualquer senegalesa, pelo qual ela abdica dos seus bens a favor da família do marido, e onde, pior ainda, além dos bens, ela se amputa de sua personalidade, de sua dignidade, tornar-se um objeto ao serviço do homem que casa com ela, do avô, da avó, do pai, da mãe, do irmão, da irmã, do tio, de uma tia, dos primos, dos primos, dos amigos deste homem (BÂ, 2006, p. 34).

Ainda segundo Bamisile (2012, p. 378), “o *miraas* é um princípio religioso e jurídico que regula a transmissão de herança e implica a revelação de todos os bens materiais conhecidos ou não revelados pelo defunto que irão ser divididos entre seus familiares”. Além de ser um momento em que a viúva é despossada dos seus bens, o *miraas* é também o momento em que são revelados os segredos mais íntimos do defunto:

O *Mirass*, ordenado pelo Alcorão, necessita que um indivíduo morto seja despojado de seus segredos mais íntimos. Ele revela a outros o que foi cuidadosamente dissimulado. Descobertas explicam abertamente uma conduta. Eu medo, com receio, o tamanho da traição de Modou (BÂ, 2006, p. 21).

Observa-se aqui que a romancista lança uma crítica à organização patriarcal senegalesa influenciada pela cultura do Islão. De fato, na tradição muçulmana, quando a mulher viúva tenta transgredir tais mandos, ela e a sua progenitora são criticadas ou rejeitadas pela sociedade. Interessa sublinhar nessa lógica, que a escrita de uma carta se torna um ato crucial nesse período de luto e solidão, no sentido que constitui um momento de desabafo, de exteriorização dos seus pensamentos, mas também de reflexão, a fim de se entender melhor e cooperar com o presente para encontrar a sua liberdade de mulher:

A morte e o funeral do marido de Ramatoulaye resultam em um enclausuramento para ela ao invés de uma jornada para fora. Após a morte de Modou, Ramatoulaye está comprometida pela tradição islâmica, a passar quatro meses em luto e reclusão. Ela usa esse período para viajar no tempo ao invés de viajar no espaço. Ela se religa ao passado, a fim de entender-se melhor e cooperar com o presente. [...]. De fato, ela entra nessa viagem para obter conhecimento, pelo autoexame e maturidade, pela transformação pessoal. Ao examinar a si mesma, seus pensamentos, memórias e experiências, ela tenta ganhar um senso aumentado de maturidade (MORTIMER, 1990, p.70).⁵

5 Texto original: “The death and funeral of Ramatoulaye’s estranged husband result in enclosure

Ramatoulaye é um personagem que, embora se mostre descontente com a posição da mulher na sociedade em que vive, ainda expressa receio em romper com as suas tradições e costumes por questões sociais. Isso acontece, por exemplo, quando ela opta por manter o seu casamento e suportar a sua infelicidade em silêncio, até o marido decidir, por vontade própria, abandoná-la com os filhos. Dito isso, a disputa discursiva sobre a poligamia, o silêncio sobre o que esta prática representa para as mulheres em termos de poder, de direitos, de voz, de realização das subjetividades, é notório e significativo, ou seja, a poligamia aparece aqui como uma instituição de opressão e de silenciamento das vozes femininas que a romancista senegalesa denuncia acerbamente através das atitudes de Ramatoulaye, como na ocasião em que ela recusa, através de uma carta, a proposta de se casar novamente com um amigo de infância, Daouda Dieng, médico e político, militante da causa feminina, mas casado:

[...] a existência da tua mulher e dos teus filhos ainda complica mais a situação. Abandonada ontem, por causa de uma mulher, eu não posso me introduzir alegremente entre você e a tua família. Você acha que o problema da poligamia é simples. Aqueles que a vivem conhecem os seus obstáculos, mentiras, injustiças que pesam na sua consciência para a alegria efêmera de uma mudança (BÂ, 2006, p. 133, grifos da autora).

Com esses argumentos, cabe dizer que *Une si longue lettre* nos leva a questionar a centralidade do casamento e da maternidade na identidade essencializada da mulher senegalesa, a criticá-lo como motivo de submissão e de objetificação, nomeadamente, através da sujeição à poligamia. A força que emana da estrutura social tradicional ainda está muito presente, embora a narrativa aponte para possíveis mudanças. Mariama Bâ não se limita apenas a representar a mulher na sua condição de vítima, de oprimida, pelo contrário, ela aborda um espaço narrativo mais relevante para o conjunto da ação das suas personagens femininas que decidem romper as barreiras da subserviência e dos tabus para uma mudança da sociedade. Tal como destaca Essangui (2003, p. 47):

Na África negra, a mulher é considerada o símbolo da vida, no sentido pleno do termo. A literatura que é a expressão de uma cultura traduz os diferentes rostos da mulher nas sociedades africanas de hoje. Símbolo de vida e pilar da sociedade, a mulher é também o principal vetor da economia, bem como a inspiradora de muitas revoltas populares.⁶

for Ramatoulaye rather than the outward journey. Following the demise of Modou, Ramatoulaye is committed by Islamic tradition to spend four months in mourning and seclusion. Ramatoulaye uses this period to travel in time rather than space. She recalls the past in an attempt to understand herself better and to cope with the present. [...]. Ramatoulaye turns to the inner journey to obtain knowledge, through selfexamination and maturity, through personal transformation. By examining her own thoughts, memories, and the collective experience of Family and nation emerging from colonialism, Ramatoulaye attempts to gain a heightened sense of maturity” (MORTIMER, 1990, p.70).

6 Texto original: “En Afrique noire, la femme est considérée comme le symbole de la vie au sens plein du terme. La littérature qui est l’expression d’une culture traduit les différents visages de la femme dans les sociétés africaines d’aujourd’hui. Symbole de vie et pilier de la société, la femme est aussi le principal vecteur de l’économie ainsi que l’inspiratrice des maints soulèvements populaires” (ESSANGUI, 2003, p. 47).

Na narrativa, a personagem de Aïssatou passa a desempenhar papéis de protagonista, a ter perspectivas emancipatórias. Trata-se de uma representação em que a mulher participa plenamente da reconstrução social da sociedade, a mulher revoltada que decide combater a injustiça e mudar as mentalidades. Divorciada, com quatro filhos, Aïssatou assume o papel de chefe de família; o encargo do marido torna-se pouco a pouco invisível, sendo substituído pela sua dinâmica, pois, carrega nos ombros a sobrevivência dos filhos. De ingênua e submissa, a mulher, no romance, passa a ser uma figura ativa, consciente do seu papel social, mantendo sua característica principal de suporte e símbolo de proteção da família. Assim, contrariamente a Ramatoulaye, mulher tradicional e submissa, Aïssatou recusa o papel de segunda esposa imposto pela sogra e pelo marido, ela se separa do marido e leva os filhos com ela. Aluga uma casa e recebe mais tarde a proposta de trabalhar na Embaixada do Senegal nos Estados Unidos, onde pode realizar os seus projetos sem que o fato de ser mulher divorciada seja um obstáculo. Na sua carta de despedida endereçada ao marido, ela manifesta uma profunda decepção para com ele:

Se você pode procriar sem amar, apenas para apaziguar o orgulho de uma mãe decadente. Eu te acho desprezível. Desde então, você vem caindo do escalão da respeitabilidade onde eu sempre te ergui. O teu raciocínio que divide é inadmissível: de um lado, eu, 'o teu amor, a tua vida, a tua escolha', do outro lado, 'a pequena Nabou, a aguentar por dever'. [...]. Estou me despojando do teu amor; do teu nome. Vestida da única roupa válida da dignidade, eu continuo meu caminho.

Adeus,

Aïssatou (BÂ, 2006, p. 65, grifos da autora).

A romancista foca no trajeto de conscientização de Aïssatou. Progressivamente ela se mostra uma personagem que se levanta em manifesta reprovação contra uma cultura opressiva patriarcal, assume uma postura de oposição radical à tradição poligâmica e, nesse sentido, torna-se referência para a jovem geração. Aïssatou toma o seu destino em mão e rejeita todo tipo de mediação paternalista, decidindo, assim, abandonar qualquer ligação com um casamento de cunho poligâmico. Ciente de que não poderá igualar-se ou rivalizar com a jovem co-esposa, ela simplesmente enfrenta esta situação de modo decidido e reconhece que a vida possui sentido mesmo fora do casamento. Partir, torna-se nesse ponto da narrativa um ato revolucionário que pode simbolizar um rito de passagem para o rompimento de um ciclo alienante e opressivo, abrindo caminhos para dissolução de um casamento tóxico e dando voz à mulher, como destacado na fala da narradora/personagem: “E você foi embora. Você teve a surpreendente coragem de se assumir” (BÂ, 2006, p. 65). Assim, podemos alegar que no tocante à experiência de Aïssatou, a poligamia é descrita como uma prática humilhante e ofensiva para as mulheres que a vivenciam. Para ela, o fato de os homens preferirem a poligamia mostra sua incapacidade

de manter relacionamentos verdadeiramente iguais.

Com efeito, além de uma busca de dignidade, a luta contra a cultura patriarcal é um desafio que se torna crucial na ação desse personagem. Embora seu comportamento seja condenado pela sociedade, Aïssatou consegue libertar-se do conformismo e tornar-se uma mulher com grande êxito pessoal e profissional. Assim, como alega Bamisile (2012), a personagem de Aïssatou é também uma aspiração para outras mulheres que se sentem sufocadas sob os caprichos tradicionais de culturas que as reduzem à categoria de objetos descartáveis. Através da forte personalidade de Aïssatou, Mariama Bâ nos revela personagens femininas dispostas a derrubar as barreiras da subserviência e a reconstruir a própria vida sem depender de nenhuma figura masculina.

A força de determinação emanando das figuras femininas faz com que o romance torna-se um importante instrumento de protesto e de insurgência das mulheres em África. Nota-se que, no decorrer da narrativa, Aïssatou vai exercendo uma certa influência sobre Ramatoulaye, o que a leva a uma conscientização que poderá acarretar em uma decisão igual à de Aïssatou, mas, na realidade, Ramatoulaye se sente apenas admirada pela coragem da amiga, pois, os princípios de obediência à tradição inculcados nela impedem-na de os transgredir, como observado durante o tempo de reclusão: “Eu espero cumprir minhas responsabilidades. Meu coração está de acordo com as exigências religiosas. Alimentada, desde a infância, as suas fontes rígidas, eu acredito que não irei falhar. Os muros que delimitam o meu horizonte há quatro meses e dez dias” (BÂ, 2006, p. 19).

Podemos alegar que a atitude ambígua da protagonista pode ser interpretada como o choque entre o peso do tradicionalismo latente da cultura muçulmana, que as mulheres carregam em si, e as novas perspectivas de emancipação e as possibilidades de uma maior autoafirmação. Porém, apesar de Ramatoulaye não ter a escolha de se desvencilhar do seu casamento e Aïssatou ter optado seguir sozinha o seu caminho, as duas figuras aproximam-se, de certa forma, pela coragem perante a situação imposta: Aïssatou escolhe o divórcio e partir com os filhos, enquanto Ramatoulaye decide ficar e enfrentar as imposições sociais: casar-se novamente com um homem que ela própria irá escolher, o que significa que não se casará sem ter qualquer sentimento por ele.

Cabe ressaltar que na trama as duas amigas tematizam o conflito de gerações e a necessidade sentida pelas mulheres de se libertar da subjugação imposta pela tradição e pelo poder patriarcal. Ao exigirem seus direitos, as mulheres conseguem desconstruir o retrato distorcido feito sobre elas, através do laço estreito com as mulheres que Mariama Bâ descreve, imaginando para si e para outras mulheres uma existência diferente. Podemos notar uma certa mudança, que a autora

exterioriza através de palavras esperançosas pronunciadas pela protagonista no fim da sua carta: “Já estou te avisando, não desisto de reconstruir a minha vida. Apesar de tudo – decepções e humilhações – a esperança me habita” (BÂ, 2006, p. 175). Esperança que podemos destacar através da personalidade de Daba, filha mais velha de Ramatoulaye. Daba incentiva a mãe a pedir divórcio, a não aceitar a decisão do pai e seguir o exemplo da Tia Aïssatou. Daba acredita que o “casamento é uma adesão recíproca a um programa de vida” em que ambos os envolvidos se devem respeito e fidelidade. Tal pensamento é compartilhado pelo seu marido Abou, que afirma nas suas conversas com a sogra: “Daba é minha esposa. Ela não é minha escrava, nem minha servente” (BÂ, 2006, p. 143).

Decerto, vale verificar que, uma vez liberta das pressões sociais a que estão sujeitas, tendo um maior acesso à educação e tendo figuras masculinas que acreditam na igualdade entre os sexos, as mulheres são capazes de projetar alternativas positivas relativamente à sua emancipação. Como consequência, passam a ter um papel fundamental na sociedade, para além do familiar. Assim, é possível afirmar que a produção da romancista senegalesa contribuiu para o enriquecimento tanto da perspectiva crítica das mulheres quanto da escrita literária feminina, no sentido em que a recuperação da literatura de autoria feminina representa não apenas um reconhecimento do seu valor, mas também o desenvolvimento da autoconsciência sobre suas próprias experiências enquanto mulheres. De modo geral, cabe afirmar que, de fato, romancistas renomadas, como Mariama Bâ, que contribuíram para colocar a literatura feminina senegalesa na vanguarda da cena literária, são consideradas como as verdadeiras representantes da literatura feminina francófona do sul do Saara. Assim, não seria exagero afirmar que *Une si longue lettre*, publicado no ano 1979, simboliza até nos dias de hoje o emblema desta literatura. Isso é evidenciado, por exemplo, pelo número de ensaios críticos que esta obra recebeu e pelo fato de estar em todas as listas de livros sobre literatura africana nas escolas e universidades africanas. O romance tem o mérito de denunciar e desafiar uma série de tabus relativos à organização da sociedade senegalesa e ao *status* das mulheres africanas em geral, que serão posteriormente adotadas por muitos romancistas com temas como: a emancipação das mulheres; a relação entre o tradicionalismo latente na cultura muçulmana poligâmica; a introdução de práticas ocidentais ou progressistas, o casamento forçado, os problemas de castas ou linhagem familiar; a escolarização e a educação sexual para jovens, entre outros. Dito isso, a luta progressiva que as mulheres, como Mariama Bâ e sua escrita, desencadearam perante o poderio tradicional masculino fez com que elas tivessem a possibilidade de assumir responsabilidades e passar a ocupar funções que até então eram destinadas apenas aos homens.

REFERÊNCIAS

BÂ, Mariama. **Une si longue lettre**. Dakar: Les Nouvelles Éditions Africaines du Senegal, 2006.

BAMISILE, Sunday Adetunji. **Questões de género e da escrita no feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana**. 2012. 519 f. Doutorado. (Doutorado em Estudos Esp. Literatura Comparada) – Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. 2012. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8699/1/ulsd65962_td_Sunday_Bamisile.pdf. Acessado no dia 27/09/2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **Les africaines: histoire de femmes d’Afrique noire du XIXième au XXIième siècle**. Paris: La Découverte, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HERZBERGER-FOFANA, Pierrette. **Littérature féminine francophone d’Afrique noire**. Suivi d’un dictionnaire des romancières. Paris : L’Harmattan, 2000.

KOUROUMA, Ahmadou. **Monné, outrages et défis**. Paris : Seuil, 1990.

MBOW, Penda. L’islam et la femme sénégalaise. **Ethiopiennes** : revue négro-africaine de littérature et philosophique, Dakar, n. 66/67, 1/2, 2001.

MORTIMER, Mildred. Enclousure/disclousure in Mariama Bâ’s Une si longue letter. **The French Review**, vol. 64, n. 1, 1990, p. 69-78.

MOURALIS, Bernard. **L’illusion de l’altérité : études de littérature africaine**. Paris: Champion, 2007.

NDIAYE, Mame Coumba. **Mariama Bâ ou les allées d’un destin** : essai. Dakar: Nouvelles Éditions Africaines du Senegal, 2007.

SEMBÈNE, Ousmane. **Le mandat précédé de vehi-ciosane**. Paris: Présence Africaine, 1966.

UANHENG XITU. **O Ministro**. Luanda: União dos Escritores Angolanos. 1999.

ENTREVISTA

BÂ, Mariama. Africa Asserts its identity. Part II: **Transcending cultural Boundaries Through Fiction**. AUSF – American Universities Field Staff, Hanover, n. 10, p. 112, 1981. Disponível em: <http://www.icwa.org/wpcontent/uploads/2015/09/BHB17.pdf>. Acesso em: 30/10/2019.

DIA, Alioune Touré. **Succès littéraire de Mariama Bâ pour son livre Une si longue lettre**. 1979. Disponível em:

<http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:713134/FULLTEXT01.pdf>. Acessado no dia 09/06/2021.